

UMA DISCUSSÃO ACERCA DO BULLYING NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA

Beatriz Lima de Oliveira (1); José Anselmo da Silva Neto (2); Evellyne Ribeiro Fonseca (3)

Universidade Federal da Paraíba, blima3509@gmail.com (1)

Instituto Federal da Paraíba, anselmo.neto96@gmail.com (2)

Universidade Federal da Paraíba, evellyneribeirof@gmail.com (3)

Resumo: O presente artigo, através de um olhar psicopedagógico sobre este fenômeno, tem como objetivo compreender o *bullying* dentro da instituição escolar, seja de forma direta ou indireta. A pesquisa expõe pontos referentes ao *bullying* identificados por diversos autores na literatura científica a partir de uma revisão bibliográfica em diferentes plataformas. Através de um levantamento de dados sobre a problemática no Brasil, foram apresentados aspectos históricos dessa forma de violência e respostas satisfatórias para a prevenção do *bullying*. Ressaltando ainda a necessidade de interação entre a família e a escola no combate a violência em sala de aula, se torna relevante preencher uma lacuna de reflexões que promovam condições favoráveis para o progresso escolar dos alunos brasileiros. Partindo desse pressuposto, foi feita uma discussão sobre o tema, abordando a importância da aliança entre família e escola através de um olhar psicopedagógico.

Palavras-chave: Bullying, Psicopedagogia, Contexto Escolar.

Introdução

A violência é um fenômeno que preocupa a sociedade, porque tem crescido nos últimos anos e nos mais diversos contextos sociais, a exemplo da escola. De acordo com Pietro, Yunes e Lima (2014), o ambiente escolar deve ser o lugar de formação de cidadãos, no entanto, tem sido um espaço que evoca medo e tensão para discentes, professores e funcionários em função do índice de violência que se tem evidenciado na atualidade (CASTILHO, 2004).

Por ser um espaço coletivo em que agrega indivíduos, o contexto escolar tem refletido tensões e conflitos, já que a subjetividade de cada pessoa se expressa de diferentes formas, o que para alguns pode ser fonte de reflexões e amadurecimento, para outros pode ser fonte de raiva, preconceito, atos de intolerância e violência (BORGES, 2015) e assim, gerar comportamentos de aversão, a exemplo do *bullying*.

Bullying é um conjunto de atitudes agressivas intencionais que se repetem com o intuito de intimidar e/ou agredir, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (OLIVEIRA-MENEGOTTO; PASINI; LAVANDOWSKI, 2013). Embora esse fenômeno seja antigo e preocupante, os estudos relacionados ao *bullying* escolar ainda são novos e merecem destaque.

As agressões podem acontecer de forma direta ou indireta, não sendo necessário que a vítima tenha contato com o agressor ou *bullying* (FERNANDES; YUNES, 2017). As atitudes tomadas pelos agressores não apresentam uma justificativa ou motivação específica, pois eles buscam vítimas que consideram frágeis, seja por desigualdade de poder ou por alguma outra circunstância, por vezes, porte físico ou característica de personalidade (SILVA, 2015). Deste modo, pretende-se entender em que medida o comportamento de *bullying* está relacionado ao contexto escolar? Visto que, neste ambiente institucional, tal prática de violência vem ocorrendo mais comumente (OLIVEIRA; NUNES, 2017).

A proporção do problema é percebida pelo número significativo de casos noticiados pela mídia, merecendo destaque o massacre que surpreendeu o Brasil, no colégio de Goyases, em Goiânia, em 20 de outubro de 2017. Um jovem entrou na escola e disparou tiros contra os alunos da instituição na qual ele próprio havia estudado e sofrido alguns relatos de *bullying*. Três vítimas foram levadas e deram entrada na unidade hospitalar, todos adolescentes. Assegura-se que essa tragédia mobilizou ainda mais a atual discussão sobre a violência nas escolas, sobretudo quanto às consequências acarretadas aos envolvidos (WENDT; CAMPOS; LISBOA, 2010).

Diante disso, acredita-se que é de suma importância mobilizar escola e família quanto ao que é o *bullying* e como pode se manifestar no ambiente escolar, de forma a alertá-los sobre as consequências nefastas na aprendizagem e no desenvolvimento social dos que são alvos, fazendo com que esse tipo de situação possa ser evitado.

A partir do exposto, o presente artigo tem como objetivo compreender através de uma visão psicopedagógica as principais causas do *bullying* encontradas na instituição escolar e como são trabalhadas nesse contexto, especificamente conceituando o *bullying* e identificando como a psicopedagogia tem contribuído e auxiliado nesse contexto, como a cooperação da família no contexto escolar pode influenciar nessa problemática e, conseqüentemente, propor uma discussão baseada numa perspectiva psicopedagógica, considerando que a maioria das discussões em torno da temática pertence à outras áreas, trazendo assim, um novo olhar para este fenômeno.

Metodologia

A pesquisa que este trabalho apresenta é de cunho descritivo, buscando aprimorar as ideias e tornando o tema mais explícito. Foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, analisando diversas posições acerca do fenômeno, sendo organizada desde 2017. Sendo assim, foram realizadas leituras e pesquisas na literatura científica afim de confrontar ideias de diferentes perspectivas autorais. Os materiais foram coletados em bibliotecas e base de dados, como Scielo, Pepsic e Periódicos Capes e procurados a partir dos descritores: *Bullying*, Contexto Escolar e Psicopedagogia.

Resultados e Discussão

Segundo Fante (2012), o *bullying* pode ser definido como um comportamento consciente e combinado de colocar uma pessoa perante o medo, todavia, só é considerado tal prática quando ocorrem três ataques no ano com a mesma vítima, incluindo condutas ameaçadoras e atitudes ofensivas que sucedem de forma repetitiva. Nesses atos agressivos, observa-se a presença de insultos, assédio, intimidação e discriminação que acontecem sem motivo provado.

Essas afrontas podem se manifestar pelo comportamento da vítima e pela aparência física, que leva o agressor a gerar episódios de sofrimento e angústia na vítima. Desta maneira, as características físicas de um indivíduo, não respeitada pelo outro, provoca práticas

preconceituosas que podem estar relacionadas ao *bullying*, propiciando situações de vergonha e indiferença (FANTE, 2012).

Os incidentes de *bullying* podem manifestar-se, corroborando com Fante (2012), de forma direta, compreendendo comportamentos de chutar, bater, espancar, empurrar, roubar e fazer piadas ofensivas, e de forma indireta com o isolamento social e a exclusão proposital do grupo.

A ocorrência de *bullying* foi investigada pela primeira vez no início da década de 70 na Suécia, na ocasião em que o número de situações de violência escolar aumentou consideravelmente, tornando-se um motivo de preocupação para os pesquisadores. No ano de 1982, na Noruega, três crianças entre 10 e 14 anos cometeram suicídio, o que impulsionou campanhas de combate ao *bullying* escolar a nível nacional (BORGES, 2015).

Quanto aos envolvidos no fenômeno, segundo Pereira (2014), é possível referir-se a três tipos de participantes: agressor, vítima e espectador/testemunha. O primeiro caracteriza-se pela utilização do amedrontamento e do excesso de poder para estabelecer autoridade e manter a vítima perante domínio. Em geral, apresentam evidências de desrespeito, não aceitação de contrariedade, aversão a normas, ações individuais ou em grupos, baixo desempenho escolar e, regularmente, envolvimento em pequenas infrações (furtos e roubos). Tais características indicam possível deficiência afetiva que pode ser consequência do caráter do agressor ou da frágil convivência familiar.

Por outro lado, os fatores para ser vítima de *bullying* podem ser similares em inúmeras culturas. Frequentemente as vítimas procedem de ambientes familiares rígidos e intolerantes, apresentam comportamento impaciente, são receosas, deprimidas, submissas, choram com facilidade e desfrutam de poucos amigos (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Para Borges (2015) os espectadores/testemunhas são os indivíduos que testemunham as práticas de *bullying*, porém não possuem iniciativa em relação ao que assistem, e são classificados em três tipos: passivos, ativos e neutros: os espectadores passivos englobam estruturas psicológicas fracas e, por essa razão, experimentam impactos em sua vida tanto quanto às vítimas, visto que tem medo de se transformarem em uma das próximas vítimas e receberem ameaças dos agressores; os espectadores ativos são aqueles que não correspondem ao ato de violência em si, entretanto contribuem com os comportamentos dos agressores fazendo uso de palavras de encorajamento; e os espectadores neutros abrangem os indivíduos resultantes de ambientes desestruturados, nos quais a violência é constante.



Figura 1: Prática do *bullying* em sala de aula

Fonte: Fante (2012)

O *bullying* praticado na escola deve merecer muita atenção dos gestores e profissionais de tais instituições, pois, segundo Meotti e Pericoli (2013), é por meio de um professor e de suas atitudes em sala de aula, por exemplo, que os alunos aprendem a importância de respeitar as diferenças dos seus colegas de turma e de todos que convivem no ambiente, caso isso não ocorra, pode-se evidenciar casos de desrespeito que levam a prática do *bullying*.

Teixeira (2013) apresenta medidas que podem despertar comportamentos não violentos, como a tolerância e a cooperação e, assim, favorecer o desenvolvimento de habilidades que auxiliem na minimização dos conflitos interpessoais através de meios pacíficos como a interação, o respeito e as relações de cooperação. Para tanto, esses autores sugerem a participação dos alunos em projetos solidários e outras campanhas que despertem a preocupação e o cuidado com o próximo.

De acordo com Pedra (2008), diante de todo o esforço da equipe escolar frente ao comportamento de *bullying*, é necessário fortalecer a ajuda de profissionais externos, como psicólogos, psicopedagogos e assistentes sociais. À vista disso, é necessário capacitar os profissionais da escola para que possam identificar, intervir e tomar as providências cabíveis perante as situações que possam envolver o *bullying*, favorecendo o fomento da discussão com toda a comunidade escolar e o planejamento de estratégias capazes de minimizar tal fenômeno.

Tendo em vista a importância da presença dos pais na vida escolar dos filhos, sendo como fundamental no processo de formação da criança, em seu livro *Escola Sem Conflito*, Tânia Zagury cita que dependendo da forma que os pais agem, eles podem colaborar ou interferir nos objetivos da escola.

Desta forma, foi perguntado como era a participação familiar nas atividades escolares e, embora a resposta tenha sido positiva, descreveu que a atuação deles não ocorre de modo ativo, mas apenas quando convocados para uma reunião de pais e mestres, os mesmos costumam comparecer.

Segundo Reginatto (2013), embora o papel da escola seja importante na formação do indivíduo, a família deve atuar em conjunto. Assim, ambas devem trabalhar em rede diante de qualquer tipo de violência na instituição escolar. De modo que, criem parcerias para enfrentarem a problemática sem que um atribua a culpa ao outro.

Tendo em vista que, a criança quando inicia sua vida escolar traz consigo conhecimento obtido de sua convivência familiar e social e a escola lhe mostrará caminhos para desenvolvê-las, conseqüentemente, o que acontece nessa etapa será decisivo para o resto de sua vida escolar.



Figura 2: Palestras psicopedagógicas de combate ao *bullying* em sala de aula.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O trabalho do psicopedagogo pode ser feito de forma lúdica, trabalhando os tipos de violência e a importância do ambiente harmonioso no contexto escolar em forma de jogos, como também através de palestras, orientação para pais, além de auxiliar os professores e demais profissionais nas questões pedagógicas. Sendo necessário solicitar a cooperação dos familiares para manter a mesma postura em casa, será de suma importância a participação ativa da família na intervenção psicopedagógica, podendo ser realizada pelo profissional algumas sessões com o grupo familiar, de forma que a intervenção seja uma linha tênue e eficaz.

Conclusões

A escola precisa estar capacitada para lidar com diversas demandas, sejam de ordem psicológicas ou psicopedagógicas, além de uma estrutura física que promova o conforto dos alunos. Ademais, conhecer os tipos de violência que os discentes vivenciam através do acompanhamento de psicólogos e psicopedagogos que trabalhem diariamente na instituição.

Além disso, a escola precisa viabilizar formas de aproximar a família do contexto escolar e conscientizá-los do seu papel, fazendo com que sejam participantes na formação dos filhos, não apenas frequentadores de reuniões periódicas.

Um ambiente escolar inapropriado pode prejudicar ainda mais o desenvolvimento do indivíduo de forma integral, afetando o cognitivo, emocional e físico. Em vista disso, ainda é necessário propiciar novas oportunidades de cooperação que promovam a socialização dos alunos, procurando ajustar-se às particularidades de todas as crianças e adolescentes presentes nas escolas brasileiras.

Referências

BORGES, T. A. S. **Memórias do bullying**. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.

CASTILHO, L. A. **Revista Educação**. São Paulo: Editora Abril, p. 40, 2004. Ed. Campinas, São Paulo: Verus, 2012

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para paz. 7^a.

FERNANDES, G.; YUNES, M. A. M. **O bullying no ambiente escolar**: uma realidade a ser enfrentada. SEFIC 2015, 2017. Disponível em: < <http://anais.unilasalle.edu.br/index.php/sefic2015/article/viewFile/255/193> >. Acesso em 13 dez 2017

MEDEIROS, E. D. et al. Escala de comportamento de bullying (ECB): elaboração e evidências psicométricas. **Psico – USF**, Bragança Paulista, v. 20, n. 3, p.385-397, dez. 2015. Disponível em:

MEOTTI, J. P.; PERÍCOLI, M. A postura do professor diante do bullying em sala de aula. **Panorâmica**, Barra do Garça, v. 15, n. 1, p.66-84, dez. 2013. Disponível em: <

<http://revistas.cua.ufmt.br/index.php/revistapanoramica/article/view/518/155> >. Acesso em 13 dez. 2017

OLIVEIRA, L. R.; NUNES, M. R. Programa anti-bullying no contexto escolar. **Revista Perquirere**, Patos de Minas, v. 14, n. 1, p.141-153, abr. 2017.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12.ed. Porto Alegre, RS: Artmed. 2013.

PEDRA, J. A. **Bullying escolar –Perguntas e respostas**; Ed. Artmed, 2008

PEREIRA, S. M. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2014.

PIETRO, A. T.; YUNES, M. A. M.; LIMA, E. D. Programa de intervenção psicoeducacional para professores: a escola como espaço de proteção em casos de abuso sexual. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, Ourense, v. 13, n. 1, p. 1-17, 2014. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen13/REEC_13_1_1_ex697.pdf>. Acesso em 23 nov. 2017.

REGINATTO, R. **A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem**. Lagoa Vermelha - RS, Vol. 8º, Nº 18, 2013.

SANTOS, M. A. N. **O impacto do bullying na escola**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas na escola**. 2. Ed. São Paulo: Globo, 2015.

SOUSA, D. M. F.; GOUVEIA, V. **Desempenho acadêmico: uma explicação pautada nos valores humanos, atitudes e engajamento escolar**. 2013. 281f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/8182/2/arquivototal.pdf>>. Acesso em 29 nov. 2017.

TEIXEIRA, G. **Manual antibullying**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Pegue e Leve, 2013.

TENFEN, M. Goiânia 2017: precisamos falar de *bullying*. **Revista Veja**. Goiânia, 2017. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/blog/o-leitor/goiania-2017-precisamos-falar-sobrebullying/>>. Acesso 11 dez.2017.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (orgs). **É possível superar a violência na escola?:** Construindo caminhos pela formação moral. 1ª. Ed. São Paulo: ed do Brasil s.a., 2012.

WENDT, G. W.; CAMPOS, D. M.; LISBOA, C. S. M. Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: bullying, cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea. **Cadernos de psicopedagogia**, São Paulo, v. 8, n. 14, p.41-52, out. 2010. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492010000100004 >. Acesso em 13 dez 2017

ZAGURY, Tania. **Escola sem conflito: parceria com os pais**. 8º ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.